



Prevenção, Controle e Monitoramento de Queimadas Irregulares e Incêndios Florestais no Cerrado

**Produto 3 – Relatório das oficinas de resgate do conhecimento
do uso tradicional do fogo na Terra Indígena Krahô.**

**Marcelo Trindade Santana
Consultor Ambiental**

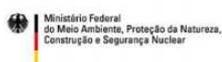
Brasília, 20 de janeiro de 2016

Nº de Contrato: 83208711

Projeto: Prevenção, controle e monitoramento de incêndios no Cerrado.

Nº: do Projeto: 11.9035.4-001.00

Por ordem do



da República Federal da Alemanha



Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos



Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação

Ministério do Meio Ambiente



EQUIPE TÉCNICA

Para elaboração desse resgate, foi montada uma equipe de profissionais que permaneceram em campo entre os dias 01 a 10 de dezembro, percorrendo a Terra Indígena Krahô, no município de Itacajá, Tocantins.

Marcelo Trindade Santana - Consultor Ambiental GIZ

Pedro Paulo Gomes Xerente – Gerente Estadual Prevfogo/TO/Facilitador

Alexandre Conde - Gerente Estadual Prevfogo/TO/Tradutor

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	1
2.METODOLOGIA	2
3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO POVO INDÍGENA KRAÔ.....	3
4. MODOS DE SUBSISTENCIA TRADICIONAL.....	4
4.1 RESGATE TRADICIONAL DO MANEJO DO FOGO.....	4
4.1.1 ROÇAS.....	5
4.1.2 CAÇA.....	5
4.1.3 LIMPEZA AO REDOR DAS ALDEIAS.....	6
4.1.4 FRUTIFICAÇÃO.....	6
4.1.5 COLETA DE MEL.....	7
4.1.6 LIMPEZA DE CAMINHOS.....	7
5. TABELA DE SISTEMATIZAÇÃO DO RESGATE.....	8
6. CONCLUSÃO	9
7. ANEXO FOTOGRAFICO.....	10

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por objetivo realizar o resgate do conhecimento tradicional do uso do fogo pelo povo Kraô com o objetivo de subsidiar a implementação do Manejo Integrado e Adaptativo do Fogo – MIF nas suas terras,

Devido a estas comunidades em seu histórico utilizarem o fogo nos seus rituais, crenças e atividades diversas, aliada à presença da brigada do Prevfogo, está sendo desenvolvida esta ação que tem como principal aspecto o controle do material combustível, utilizando a estratégia de aplicação do fogo prescrito em períodos e locais preestabelecidos, visando a prevenção e melhor controle de incêndios florestais.

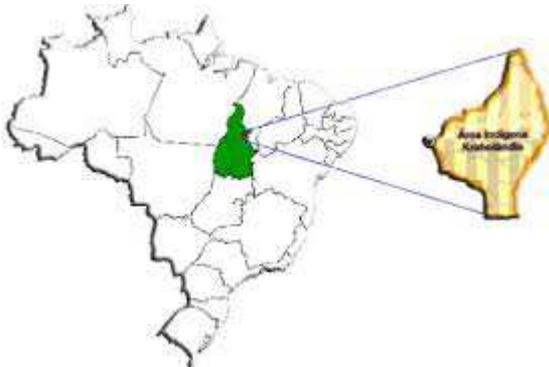
2. METODOLOGIA

Para desenvolvimento desta atividade, visitamos aldeias, onde ainda residem os últimos anciões e indígenas conhecedores dos antigos métodos de manejo, informando-os sobre o objetivo do trabalho e se havia interesse dos mesmos em realizar o manejo em seu território.



Estabelecemos técnicas de provocações usando como tema, os grandes incêndios que vem devastando o seu território, roça de toco, caçadas tradicionais, coleta de frutos e mel, fita de buriti, plantas medicinais, proteção das aldeias entre outras utilizações do fogo, deixando-os livres, para que falassem sobre cada um desses temas, fornecendo as informações do manejo correspondente. Nas visitas, os indígenas descreveram como era utilizado o fogo por eles e seus ancestrais, detalhando meses, locais e técnicas de aplicação.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO POVO INDÍGENA KRAHÔ



O povo indígena Krahô vive numa área demarcada de 342.533 hectares, próxima às cidades de Itacajá e Goiatins, municípios do Tocantins, em 28 aldeias e uma população aproximada de 3.500 pessoas.

Pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê, da família Jê, descendentes dos Timbiras setentrionais. No final do século XVIII, habitavam a região do Rio Balsas no Maranhão. As 03 primeiras aldeias foram a Cachoeira, Pedra Branca e Galheiro. Os Krahô sempre enfrentaram a pressão colonizadora. Em 1940, sofreu um violento massacre desfechado por criadores de gado, fato que continua vivo na memória de seus habitantes mais velhos. Possuem muitas crenças, acreditam que todos os seres sejam animais, vegetais ou minerais, e têm alma, que chamam de Krahô.

Os Krahô negociam com os brancos como meio de promover sua sobrevivência na relação interétnica. As terras pertencem a todos. As aldeias são politicamente independentes, construídas em forma circular, com um grande pátio no centro onde os índios se reúnem para decidir as divisões do trabalho e tudo que seja relacionado ao povo. À noite, os Krahô se reúnem para cantar, brincar e contar histórias.



Apesar de enfrentarem inúmeras dificuldades em suas terras, eles conseguem manter suas tradições e cultura.

4. MODOS DE SUBSISTENCIA TRADICIONAL

Os Krahô exploravam seu território através da caça, pesca, coleta de frutos, matéria prima para confecção de artesanatos tradicionais, raízes e plantas medicinais, associadas a uma agricultura de roças de toco. As atividades estavam intimamente associadas ao conhecimento que os Krahô possuíam sobre a natureza, suas potencialidades e limites. As áreas prioritárias eram protegidas, e estavam localizadas nas matas, brejos e próximo aos cursos de água.

O ciclo de atividades dedicadas à agricultura dividia-se entre a estação seca - por eles designada de "AMGRÀ" - e a estação das chuvas - chamada de "NA WRY". A primeira compreendia os meses de maio a setembro, e a segunda, de outubro a abril.

4.1. RESGATE TRADICIONAL DO MANEJO DO FOGO

Das 28 aldeias que compõe a TI Krahô na área que corresponde ao município de Itacajá -TO, foi possível aplicar o resgate em 23, as outras 05 que ficam no município de Goiatins, não foram visitadas por falta de tempo. Onde o resgate pode ser realizado os anciões demonstraram grande satisfação com a oportunidade de resgate do conhecimento e uso tradicional do fogo com a possibilidade de aplicação desse manejo. Deixaram claro, o descontentamento pelo modo atual em que a comunidade faz o uso do fogo, sem nenhum tipo de preocupação com a flora e fauna local. Ressaltaram que antes, para realizar as atividades que exigiam a utilização de fogo, como caça, roça, proteção das aldeias e coleta, havia poucas pessoas que manejavam o fogo e que sabiam fazer o uso e controle, pois para se conseguir a ignição, exigia-se o domínio do método rústico para obtenção das chamas que na língua é chamado de POTHWÀ "boi de fogo". E que atualmente, qualquer pessoa tem em seu bolso, fósforos e isqueiros, sendo fácil iniciar o fogo.

Destacaram também a falta de respeito dos mais jovens com a tradição e com os mais velhos, ignorando os relatos e orientações dos mesmos, causando com isso, incêndios em épocas impróprias, de grandes proporções e de difícil controle e extinção.

Frisaram que todas as ações referentes à utilização da terra eram tomadas em comum acordo entre as aldeias que tinham a cultura de reuniões, onde eram discutidos na comunidade todos os assuntos de interesse da terra.

4.1.1. ROÇAS



As roças localizavam-se, em sua grande maioria, nas imediações das aldeias, junto a ribeirões, córregos e brejos. O processo de implementação da maioria das roças (broca, derrubada, coivara, aceiro, queimada, plantio e colheita) contava com a participação de todos que organizavam grandes roças coletivas. Os principais alimentos cultivados eram a mandioca, milho, feijão, inhame, batata doce e abóbora.

A derrubada tinha início nos meses de abril e maio, quando já era realizado o aceiro e após um período para a secagem do material combustível, iniciavam a queima no mês de setembro, no final da tarde. Alguns informaram que as queimas eram coletivas e sempre que perdia o controle eles apagavam utilizando folhas de buriti como abafadores. Outra informação relevante é que segundo os relatos dos anciões na segunda lua do mês, chovia, o que auxiliava no caso de um incidente no controle da queima das roças.

4.1.2. CAÇA

Apenas nas grandes caçadas o fogo era utilizado..E estas grandes caçadas eram realizadas para celebrações de casamentos, rituais ou festas tradicionais. Lançavam mão de uma técnica e divisão específica, os clãs, que se dividiam, sendo cada equipe responsável por executar uma atividade; os que colocavam o fogo eram os KATÂM, os que apagavam eram os WANHMÊ. Escolhia-se um local com bastante caça sempre próximo de um curso d'água, que era utilizado como barreira natural que impedia o avanço do fogo, essas áreas também eram aceiradas no mês de abril. À medida que o fogo avançava

os animais ficavam confinados entre as chamas e os guerreiros podiam facilmente abater sua caça. Os anciões relataram que alguns animais morriam flechados e outros queimados. Faziam essas caçadas nos meses de junho, julho e no máximo até a primeira semana de agosto, o que facilitava o combate. Depois essas áreas tinham um repouso de 2 a 3 anos sem queima.

4.1.3. LIMPEZA AO REDOR DAS ALDEIAS



Neste caso, as queimas eram aplicadas com objetivo de reduzir o acúmulo do material combustível em volta das aldeias, para proteger as casas que tem em sua composição basicamente a palha e a madeira, afastar os animais peçonhentos e promover a rebrota das plantas facilitando a colheita de frutos e as caçadas cotidianas. Essas queimadas eram realizadas nos meses de abril e maio, com extinção natural.

4.2.4. FRUTIFICAÇÃO



Tendo como complemento de sua alimentação as frutas do cerrado: bacaba, pequi, murici, buriti, mangaba, oiti, entre outras, o cuidado para não prejudicar esses recursos era constante. Nas áreas de relevância os anciões aplicavam o fogo na época apresentada como correta sempre entre os meses de abril e maio, com o objetivo de auxiliar a floração e reduzir o material combustível. A grande preocupação era com os grandes incêndios que prejudicam os ciclos naturais das plantas, afetando diretamente a alimentação dos animais e dos humanos.

4.1.5 COLETA DE MEL

Os Kraô utilizavam o fogo como ferramenta para colher mel. Quando identificado o local faziam uma queimada ao redor deixando o fogo se espalhar e a fumaça afugentar as abelhas. Essa coleta era realizada entre os meses de maio e junho. Falaram que o fogo não tinha tanta força, produzia mais fumaça que chamas e que ao anoitecer, se extinguia naturalmente.

4.1.6 LIMPEZA DE CAMINHOS

Informaram que aceiravam os caminhos para facilitar o deslocamento e ter referências de localização, esses caminhos eram acessos a rios, locais de caça e aldeias. Relataram que esse uso do fogo era feito nos meses de abril, maio e junho, e não havia combate, todo fogo era extinto naturalmente.

5. TABELA DE SISTEMATIZAÇÃO DO RESGATE

FINALIDADE	PERÍODO	METÓDO
ROÇA	Broca e derrubada: abril e maio Coivara, aceiro: junho Queima: setembro Plantio: outubro e novembro Colheita: depende da cultura.	Queimas coletivas e roças aceiradas. Sempre que perdia o controle eles apagavam utilizando folhas de buriti como abafadores. Era realizada sempre na segunda lua do mês, pela certeza da chuva.
CAÇA	Junho, julho e no máximo a primeira semana de agosto. Respeitando um intervalo de 2 a 3 anos em cada local.	Clãs envolvidos na queima de confinamento da fauna com divisão do trabalho, colocadores e apagadores de fogo.
LIMPEZA AO REDOR DAS ALDEIAS	Abril e Maio	Queima de gramíneas e arbustos ao redor dos aldeamentos visando diminuir risco de incêndio, afastando os animais peçonhentos e promovendo a rebrota da pastagem natural para facilitar as caçadas cotidianas.
FRUTIFICAÇÃO	Abril e Maio	Queimadas controladas nos locais de ocorrência dos "pomares nativos" minimizando danos às árvores frutíferas
COLETA DE MEL	Maio e Junho	Ateavam fogo ao redor das colmeias e deixavam a fumaça afugentar as abelhas. Extinção natural, pois esse tipo de fogo produzia mais fumaça do que chamas.
LIMPEZA DE CAMINHOS	Abril, Maio e Junho	O fogo era colocado para aceirar a passagem e se extinguia naturalmente.

6. CONCLUSÃO

Os indígenas utilizam o fogo assim como os não-indígenas para diversas funções. Nesse resgate dos conhecimentos tradicionais observamos que os antigos admiravam o fogo, mas tinham cuidado com suas consequências. Todas as utilizações eram planejadas, manejavam o fogo sempre nas épocas adequadas, tendo como referência os sinais da natureza.

Outro fator a ser levado em consideração era a dificuldade de se obter o fogo, além de utilizarem métodos arcaicos, somente alguns conseguiam iniciar uma queimada, o que difere muito dos dias de hoje em que a facilidade de se fazer o fogo é muito maior.

Como existia uma dependência da terra para sobrevivência, áreas de interesse eram bastante protegidas contra qualquer interferência, principalmente dos incêndios, pois, já tinham a sabedoria que esse poderia prejudicar toda biota local.

Um consenso entre todos foi a atual utilização indiscriminada do fogo e as consequências trágicas dos incêndios florestais. O resgate tem por objetivo, utilizar a experiência dos antigos integrada a novas técnicas para aplicar o fogo nas épocas e locais pré-determinados, manejando o material combustível, favorecendo a frutificação, impedindo a formação de grandes frentes de fogo e facilitando o combate, quando necessário.



“A importância de envolver a comunidade nas etapas para futura implementação do MIF direciona a proposta, dando transparência e validação coletiva nas decisões, além de promover a valorização e utilização do conhecimento tradicional aliado a tecnologia como alternativa para alguns problemas sociais e ambientais.”

7. ANEXO FOTOGRÁFICO

Aldeias e lideranças entrevistadas



Aldeia: MANOEL ALVES
Getúlio Kruwakraj Krahô



Aldeia: PORTEIRA
Manoel Kapej Krahô



Aldeia: SERRA GRANDE
Fernando Ropkà Krahô
Vitor Cahyhti Krahô
Firmino Ihtojawên



Aldeia: PÊ DE COCÔ
Sidiney Pahpjê Krahô
Odeci Tejapoc Krahô
Souza Wôhôhti Krahô



Aldeia: GALHEIRO
Milton Krôkrôc Krahô



Aldeia: MORRO DO BOI
Raimundo Hapyhi Krahô



Aldeia: KENPOJKRE

Valdir Xycxyc Krahô



Aldeia: CAMPOS LIMPOS

Manoel Tecator Krahô



Aldeia: LAGOINHA

Genivaldo Ahtorco Krahô

Inês Jatcaprêc Krahô

Ana Pahto Krahô



Aldeia: SANTA CRUZ

José Pihôc Krahô

Orlinda Terehwjy Krahô

Júlio Toncate Krahô



Aldeia: FORNO VELHO

Edivaldo Paty Krahô



Aldeia: ÁGUA FRIA

Paulinho Xyhcapro Krahô



Aldeia: PEDRA BRANCA

Paulo Kaci Krahô

Domingos Crate Krahô

Jorginho Jajôc Krahô

Sergio Ropoxêt Krahô



Aldeia: BARRA

Anizo Kapej Krahô

Gilberto Hõrkākã Krahô

Feliciano Tethot Krahô

Deusdete Pätwyt Krahô



Aldeia: CRISTALINA

Cildo Mããhi Krahô

Maria Prupu Krahô

Eva Pawjy Krahô



Aldeia: RIOZINHO

Valdeno Pyque Krahô

Maria Lúcia Kêntapi Krahô

Emiliano Pojtetet Krah



Aldeia: PEDRA FURADA

João dos Santos Cuxu Krahô

Marcos Wakê Krahô

Joaozinho Jõjnô Krahô



Aldeia: SÃO VIDAL

Antônio Pihôco Krahô

Suzana Caprûm Krahô

Júlio Jahe Krahô



Aldeia: MANGABEIRA

Ernesto CupaKà Krahô

Augusto Papok Krahô



Aldeia: COQUEIRO

Joaquim Tephot Krahô

Cicero Pöhyhkrat Krahô



Aldeia: SERINHA

Tereza Pyrähkwj Krahô



Aldeia: MACAUBA

Jurandi Jawiw Krahô



Aldeia: CACHOEIRA

Ivo Teptyc Krahô

Juarez Kin Kin Krahô



Futuros especialistas em manejo